

## DATA DA ATIVIDADE: / / 2017

## PROFESSOR (A): KELLY

**ATIVIDADE DE RECUPERAÇÃO - LITERATURA**

# SÉRIE: 2º ANO

**ALUNO (A): Nº:**

### TURMA:

**NOTA:**

1**.** Leia o trecho do *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels.

A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade. Ela criou cidades enormes, aumentou o número da população urbana, em face da rural, em alta escala e, assim, arrancou do idiotismo\* da vida rural uma parcela significativa da população. Da mesma forma como torna o campo dependente da cidade, ela torna os países bárbaros e semibárbaros dependentes dos civilizados, os povos agrários dependentes dos povos burgueses, o Oriente dependente do Ocidente.

*Estudos Avançados,* vol. 12, nº 134. São Paulo, 1998.

**\*idiotismo**: “Idiotismus”, no original. Segundo E. Hobsbawn, tem o sentido de “horizontes estreitos” e não propriamente de “estupidez”.

a)Aponte um aspecto em que o processo de modernização tal como tematizado em *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, assemelha-se à visão desse mesmo processo presente no trecho do *Manifesto do Partido Comunista*, aqui reproduzido. Justifique sucintamente sua resposta.

b)Indique um aspecto em que a visão da oposição entre campo e cidade, em *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós distingue-se, de modo mais nítido, do ponto de vista presente no trecho citado do *Manifesto do Partido Comunista*. Explique sucintamente.

2**.** Observe este quadro, para responder ao que se pede.



a) Em *O cortiço*, do escritor naturalista Aluísio Azevedo, livro publicado apenas três anos antes da realização do “Caipira picando fumo”, de Almeida Júnior, o sol aparece como elemento definidor do meio brasileiro, estendendo a tudo e a todos sua influência determinante. Essa mesma preeminência do sol se manifesta na composição do quadro de Almeida Júnior, também ele, em sua medida, tributário das teorias naturalistas? Justifique sua resposta, exemplificando com o tratamento dado à cor e à luz, no referido quadro.

b) Um crítico de arte**\*** que analisou o quadro em questão, estudando inclusive suas relações com o Naturalismo, escreveu que, em “Caipira picando fumo”, “ a ênfase negativa no determinismo do meio”, própria do naturalismo de Aluísio, é contrabalançada pela “apreciação positiva desse mesmo ambiente e de seus personagens”.

Indique, na caracterização da personagem, um aspecto em que se manifesta essa “apreciação positiva” de que fala o crítico. Explique.

**\***Rodrigo Naves. “Almeida Júnior: o sol no meio do caminho”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 73. Nov. 2005.

3**.** Considere o excerto em que Araripe Júnior, crítico associado ao Naturalismo, refere-se ao “estilo” praticado “nesta terra”, isto é, no Brasil.

*O estilo, nesta terra, é como o sumo da pinha, que, quando viça, lasca, deforma*-*se, e, pelas fendas irregulares, poreja o mel dulcíssimo, que as aves vêm beijar; ou como o ácido do ananás do Amazonas, que desespera de sabor, deixando a língua a verter sangue, picada e dolorida.*

a) O modo pelo qual o crítico explica a feição que o “estilo” assume “nesta terra” indica que ele compartilha com o Naturalismo um postulado fundamental. Qual é esse postulado? Explique resumidamente.

b) As características de estilo sugeridas pelo crítico, no excerto, aplicam-se ao romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo? Justifique sucintamente sua resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**O DISCURSO**

Natividade é que não teve distrações de espécie alguma. Toda ela estava nos filhos, e agora especialmente na carta e no discurso. Começou por não dar resposta às 1efusões políticas de Paulo; foi um dos conselhos do conselheiro. Quando o filho tornou pelas férias tinha esquecido a carta que escrevera.

O discurso é que ele não esqueceu, mas quem é que esquece os discursos que faz? Se são bons, a memória os grava em bronze; se ruins, deixam tal ou qual amargor que dura muito. 2O melhor dos remédios, no segundo caso, é supô-los excelentes, e, se a razão não aceita esta imaginação, consultar pessoas que a aceitem, e crer nelas. A opinião é um velho óleo incorruptível.

Paulo tinha talento. O discurso naquele dia podia pecar aqui ou ali por alguma ênfase, e uma ou outra ideia vulgar e exausta. Tinha talento Paulo. Em suma, o discurso era bom. Santos achou-o excelente, leu-o aos amigos e resolveu transcrevê-lo nos jornais. 3Natividade não se opôs, mas entendia que algumas palavras deviam ser cortadas.

– Cortadas, por quê? perguntou Santos, e ficou esperando a resposta.

– Pois você não vê, Agostinho; estas palavras têm sentido republicano, explicou ela relendo a frase que a afligira.

Santos ouvia-as ler, leu-as para si, e não deixou de lhe achar razão. Entretanto, não havia de as suprimir.

– Pois não se transcreve o discurso.

– Ah! isso não! O discurso é magnífico, e não há de morrer em S. Paulo; é preciso que a Corte o leia, e as províncias também, e até não se me daria fazê-lo traduzir em francês. Em francês, pode ser que fique ainda melhor.

– Mas, Agostinho, isto pode fazer mal à carreira do rapaz; o imperador pode ser que não goste...

Pedro, que assistia desde alguns instantes ao debate, interveio docemente para dizer que os receios da mãe não tinham base; era bom pôr a frase toda, e, a rigor, não diferia muito do que os liberais diziam em 1848.

– Um monarquista liberal pode muito bem assinar esse trecho, concluiu ele depois de reler as palavras do irmão.

– Justamente! 4assentiu o pai.

5Natividade, que em tudo via a inimizade dos gêmeos, suspeitou que o intuito de Pedro fosse justamente comprometer Paulo. Olhou para ele a ver se lhe descobria essa intenção torcida, mas a cara do filho tinha então o aspecto do entusiasmo. Pedro lia trechos do discurso, acentuando as belezas, repetindo as frases mais novas, cantando as mais redondas, revolvendo-as na boca, tudo com tão boa sombra que a mãe perdeu a suspeita, e a impressão do discurso foi resolvida. Também se tirou uma edição em folheto, e o pai mandou encadernar ricamente sete exemplares, que levou aos ministros, e um ainda mais rico para a Regente.

MACHADO DE ASSIS

*Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

1efusão − manifestação expansiva de sentimentos

4assentir − concordar

4**.** *Natividade, que em tudo via a inimizade dos gêmeos, suspeitou que o intuito de Pedro fosse justamente comprometer Paulo. Olhou para ele a ver se lhe descobria essa intenção torcida, mas a cara do filho tinha então o aspecto do entusiasmo. Pedro lia trechos do discurso, acentuando as belezas, repetindo as frases mais novas, cantando as mais redondas, revolvendo-as na boca, tudo com tão boa sombra que a mãe perdeu a suspeita, e a impressão do discurso foi resolvida.* (ref. 5)

Nesse trecho, observa-se que Pedro, mesmo com posição política contrária à de Paulo, lê com entusiasmo o discurso do irmão, trocando de lugar com ele. Essa troca de papéis sugere uma crítica acerca da política daquela época. Explicite essa crítica. Aponte, ainda, a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a anterior.

5**.** Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

– Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

– Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?... O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

– Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

– Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija

(...).

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*.

a) No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?

b) Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão “nem façamos Arcádia”, empregada por Jacinto.

6**.** **Texto I**

**A pátria**

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!

Criança! não verás nenhum país como este!

Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!

A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.

Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,

Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!

Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera

Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha

O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com o seu suor a fecunda e umedece,

Vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!

Criança! não verás país nenhum como este:

Imita na grandeza a terra em que nasceste!

BILAC, Olavo. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\_documents/poesias\_infantis\_de\_olavo\_bilac-1.htm#APátria>. Acesso em: 10 jul. 2015.

**Texto II**

— Tio, os conceitos de nação mudaram. O que vale agora é o internacionalismo. A multiplicidade. Aqui é um pedacinho. Você soma com os pedacinhos que temos por aí afora. Reservas no Uruguai, na Bolívia, pedação do Chile, na Venezuela. Cada savana na África, quero ser transferido para a África, triplica o soldo e a gente tem casa, comida, economiza.

— Pois é, entregamos o nosso e fomos colonizar outros territórios.

— Não é colonização, tio, é diferente. São reservas multinternacionais. O mundo se globaliza.

— Talvez eu seja velho, com ideias antigas na cabeça. Mas queria meu país inteiro, não um mundo de países dentro do meu, como acontece. Eu te contei daquela viagem. Quis chegar a Manaus e nunca cheguei. Não podia ir lá, fui rodeando, tive que voltar. Foi mais difícil atravessar a Rondônia do que conseguir permissão para cruzar a Bolívia.

— Sua visão é limitada, tio. O senhor pensa em termos individuais, restringe-se a um regionalismo superado. Raciocine em termos mais amplos. Nossa economia, por exemplo, nunca esteve tão forte.

— Forte? Ninguém tem dinheiro. O país endividado. Não há mais terras para plantio. Tudo custa os olhos da cara, estamos importando tudo.

— Importamos pouca coisa.

— Pouquíssima. Sal, açúcar, minério de ferro, xisto, feijão, eletricidade, papel, plásticos. Quer a lista inteira?

— Não são importações, são acordos feitos quando das negociações com as terras.

— Como é que você não enxerga? Importamos de nós mesmos. Mandamos buscar ali em cima, onde antes era o norte do Mato Grosso, o Maranhão, o Pará.

— Lembre-se que as concessões não são eternas. Tem um prazo.

— Eu vi. O ano passado esgotou-se o prazo da concessão para a Bélgica. E eles devolveram os trechos que mantinham em Goiás? Não, o Esquema comprou. Comprou uma coisa que seria dele, de graça, este ano.

— Foi diferente. Tinha melhorias, projetos industriais, edifícios, plantações, laboratórios.

— Ruínas, tudo ruínas.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum*(memorial descritivo). Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1981, pp.73-4.

a)A partir da leitura comparativa dos Textos 1 e 2, determine os distintos sentidos de nação e/ou pátria que aparecem em ambos.

b)Olavo Bilac é tradicionalmente considerado um dos mais importantes representantes do Parnasianismo. Apesar disso, pode-se constatar que o poema “A pátria” não segue rigidamente os pressupostos da estética parnasiana. Comente, com suas próprias palavras, tal afirmação.

7**.** No capítulo CXIX das Memórias póstumas de Brás Cubas, o narrador declara: “Quero deixar aqui, entre parêntesis, meia dúzia de máximas das muitas que escrevi por esse tempo.” Nos itens a) e b) encontram-se reproduzidas duas dessas máximas. Considerando-as no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

 “Máxima”: fórmula breve que enuncia uma observação de valor geral; provérbio.

a) “Matamos o tempo; o tempo nos enterra.” Pode-se relacionar essa máxima à maneira de viver do próprio Brás Cubas? Justifique sucintamente.

b) “Suporta-se com paciência a cólica do próximo.” A atitude diante do sofrimento alheio, expressa nessa máxima, pode ser associada a algum aspecto da filosofia do “Humanitismo”, formulada pela personagem Quincas Borba? Justifique sua resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o poema para responder à(s) questão(ões).

*Mãe*

Mãe – que adormente este viver dorido.

E me vele esta noite de tal frio,

E com as mãos piedosas até o fio

Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,

Ao passar pelo sítio mais sombrio...

Me banhe e lave a alma lá no rio

Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem – dava

Minha estéril ciência, sem receio,

E em débil criancinha me tornava,

Descuidada, feliz, dócil também,

Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,

Se tu fosses, querida, a minha mãe!

(Antero de Quental. *Antologia*, 1991)

8**.** Com base no poema,

a) explique o que representa a mãe para o eu lírico, tendo em vista o que ele vive e o que desejaria viver. Justifique sua resposta com informações do texto;

b) reescreva os versos “Eu dava o meu orgulho de homem – dava / Minha estéril ciência, sem receio, / E em débil criancinha me tornava,”, substituindo os verbos “dar” e “tornar”, respectivamente, por “abster-se” e “converter-se”, conjugados em outro tempo verbal, adequado ao contexto.

9**.** Responda ao que se pede.

a) Qual é a relação entre o “sistema de filosofia” do “Humanitismo”, tal como figurado nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e as correntes de pensamento filosófico e científico presentes no contexto histórico-cultural em que essa obra foi escrita? Explique resumidamente.

b) De que maneira, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, são encaradas as correntes de pensamento filosófico e científico de grande prestígio na época em que o romance foi escrito? Explique sucintamente.

10**.** *A uma religiosidade de superfície, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior, quase carnal em seu apego ao concreto (...); transigente e, por isso mesmo, pronta a acordos, ninguém pediria, certamente, que se elevasse a produzir qualquer moral social poderosa. Religiosidade que se perdia e* *se confundia num mundo sem forma e que, por isso mesmo, não tinha forças para lhe impor sua ordem.*

Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. Adaptado.

Tendo em vista estas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda a respeito do sentido da religião na formação do Brasil, responda ao que se pede.

a) Essas reflexões se aplicam à sociedade representada nas *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida? Justifique resumidamente.

b) Os juízos aqui expressos por Sérgio Buarque de Holanda encontram exemplificação em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, especialmente na parte em que se narra o período de formação do menino Brás Cubas? Justifique sucintamente.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir focalizam um trecho de uma crônica do escritor Eça de Queirós (1845-1900) e uma tira da cartunista Ciça (Cecília Whitaker Alves Pinto).

XXIV

O Parlamento vive na *idade de ouro*. Vive nas idades inocentes em que se colocam as lendas do Paraíso – quando o mal ainda não existia, quando Caim era um bom rapaz, quando os tigres passeavam docemente par a par com os cordeiros, quando ninguém tinha tido o cavalheirismo de inventar a palavra *calúnia!* – e a palavra *mente!* não atraía a bofetada!

Senão vejam! Todos os dias aqueles ilustres deputados se dizem uns aos outros: *É falso! É mentira!* E não se esbofeteiam, não se enviam duas balas! Piedosa inocência! Cordura1 evangélica! É um Parlamento educado por S. Francisco de Sales!

*O ilustre deputado mente!*

*Ah, minto? Pois bem, apelo...*

Cuidam que apela para o espalmado da sua mão direita ou para a elasticidade da sua bengala? – Não, meus caros senhores, apela – *para o País!*

Quanta elevação cristã num diploma de deputado! Quando um homem leva em pleno peito, diante de duzentas pessoas que ouvem e de mil que leem, este rude encontrão: *É falso!* – e diz com uma terna brandura: *Pois bem, apelo para o País!* – este homem é um santo! Não entrará decerto nunca no *Jockey-Club*, donde a mansidão é excluída, mas entrará no reino do Céu, onde a humildade é glorificada.

É uma escola de humildade este Parlamento! Nunca em parte nenhuma, como ali, o insulto foi recebido com tão curvada paciência, o desmentido acolhido com tão sentida resignação! Sublime curso de caridade cristã. E veremos

os tempos em que um senhor deputado, esbofeteado em pleno e claro Chiado2, dirá modestamente ao agressor, mostrando o seu diploma: –“Sou deputado da Nação Portuguesa! Apelo para o País! Pode continuar a bater!”

(*Uma campanha alegre.* Agosto, 1871.)

1cordura: sensatez, prudência.

2Chiado: um bairro tradicional de Lisboa e importante área cultural em meados do século XIX.



11**.** Indique os dois planos de significação que o fragmento de crônica apresenta, identifique a figura de linguagem utilizada para produzir um deles e explique qual dos dois planos corresponde à opinião real do cronista.

12**.** A sentença cristã “Oferece a outra face” pode ser entendida em um aspecto físico e em um aspecto moral. Transcreva a frase do último parágrafo da crônica em que um político alude a essa sentença, aponte qual aspecto quer realmente ressaltar e com que intenção o faz.

13**.** Indique a semelhança e a diferença entre a tira de Ciça e a crônica de Eça de Queirós, no que diz respeito aos alvos da crítica que fazem, e identifique a intenção dessa crítica nos dois textos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

A(s) questão(ões)tomam por base um trecho da conferência “Sobre algumas lendas do Brasil”, de Olavo Bilac (1865-1918), e um soneto do mesmo autor, utilizado por ele para ilustrar seus argumentos.

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objetivamente, é porque existe subjetivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assunto e à explanação do meu tema. Existem em nós todas as entidades fantásticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, saindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mitos da comunhão.

Tupã, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. É o eterno dualismo, governando todas as fases religiosas, toda a história mitológica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babilônia, não criou a ideia do dualismo; acentuou-a, precisou-a; a base da religião dos maniqueus era a oposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo eles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribos, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflito: e esse conflito perdura no catolicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo. Os nossos índios sempre tiveram seu Tupã e o seu Anhangá... Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná compreende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e contemos em nós esses dois princípios antagônicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena íntima em que a todo o instante combatem um gênio do bem e um gênio do mal:

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...

Vives ansiando em maldições e preces,

Como se, a arder, no coração tivesses

O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;

E, rolando num vórtice vesano\*,

Oscilas entre a crença e o desengano,

Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de ações sublimes,

Não ficas das virtudes satisfeito,

Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpétuo ideal que te devora,

Residem juntamente no teu peito

Um demônio que ruge e um deus que chora...

\* Vesano: louco, demente, delirante, insensato.

(Últimas conferências e discursos, 1927.)

14**.** O conferencista Olavo Bilac sugere que, apesar da diferença de credos, as religiões se filiam a um mesmo princípio. Que princípio é esse e o que origina no âmbito religioso?

15**.** Indique a pessoa gramatical dos verbos empregados no soneto e identifique, no plano do conteúdo, a quem o eu lírico se dirige por meio dessa pessoa gramatical.

16**.** No soneto, Bilac explicita sua concepção do homem. Apresente o aspecto mais importante dessa concepção.

17**.** E nós, os civilizados do litoral, compreendemos e **contemos** em nós esses dois princípios [...].

Qual a forma infinitiva do verbo destacado e em que tempo e modo está flexionado?

18**.** Leia.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, – únicas dignas da preocupação de um sábio, – D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regímen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, – explicável mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, – o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

– A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

ASSIS, Machado de. **O alienista**. São Paulo: Ática, 1982, pp. 9-10.

a) A compreensão do jogo entre o narrador, as personagens e o leitor é um dos procedimentos críticos necessários à análise da obra literária. Comente, utilizando as suas próprias palavras, a problemática do foco narrativo no conto “O alienista” tendo como referência o início do texto.

b) Dois dos mais significativos aspectos da obra do autor de “Dom Casmurro” estão relacionados ao seu ceticismo e à crítica corrosiva e sarcástica da sociedade brasileira do seu tempo. Publicado entre outubro de 1881 e março de 1882, *O alienista* narra a trajetória de Simão Bacamarte, médico voltado para a pesquisa, entendimento e cura dos

males do espírito. Tomando por base o fragmento selecionado, comente criticamente a visão de Machado de Assis sobre os postulados do pensamento positivista e da ideologia do progresso tão valorizados no fim do século XIX.

19**.** No excerto abaixo, narra-se parte do encontro de Brás Cubas com Quincas Borba, quando este, reduzido à miséria, mendigava nas ruas do Rio de Janeiro:

*Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil-réis, – a menos limpa, – e dei-lha* [a Quincas Borba]*. Ele recebeu-ma com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar, e agitou-a entusiasmado.*

*—* In hoc signo vinces!**\*** *bradou.*

*E depois beijou-a, com muitos ademanes de ternura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era arguto, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis.*

*— Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.*

*— Sim? acudiu ele, dando um bote para mim.*

*— Trabalhando, concluí eu.*

**\*** “In hoc signo vinces!”: citação em latim que significa “Com este sinal vencerás” (frase que teria aparecido no céu, junto de uma cruz, ao imperador Constantino, antes de uma batalha).

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

a) Tendo em vista a autobiografia de Brás Cubas e as considerações que, ao longo de suas **Memórias póstumas**, ele tece a respeito do tema do trabalho, comente o conselho que, no excerto, ele dá a Quincas Borba: “— Trabalhando, concluí eu”.

b) Tendo, agora, como referência, a história de D. Plácida, contada no livro, discuta sucintamente o mencionado conselho de Brás Cubas.

20**.** Leia os seguintes trechos de *Viagens na minha terra* e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Benévolo e paciente leitor, o que eu tenho decerto ainda é consciência, um resto de consciência: acabemos com estas digressões e perenais divagações minhas.

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969, p.187.)

Neste despropositado e inclassificável livro das minhas *Viagens*, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem o vejo e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada.

(Idem, p. 292.)

Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás íntimo, por que o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em *Romances,* vol I. Rio de Janeiro: Garnier, 1993, p. 140.)

a) No que diz respeito à forma de narrar, que semelhanças entre os dois livros são evidenciadas pelos trechos acima?

b) Que tipo de leitor esta forma de narrar procura frustrar, e de que maneira esse leitor é tratado por ambos os narradores?

21**.** Leia o seguinte poema.

TRISTEZA DO IMPÉRIO

*Os conselheiros angustiados*

*ante o colo ebúrneo*

*das donzelas opulentas*

*que ao piano abemolavam*

*“bus-co a cam-pi-na se-re-na*

*pa-ra-li-vre sus-pi-rar”,*

*esqueciam a guerra do Paraguai,*

*o enfado bolorento de São Cristóvão,*

*a dor cada vez mais forte dos negros*

*e sorvendo mecânicos*

*uma pitada de rapé,*

*sonhavam a futura libertação dos instintos*

*e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus de Copacabana, com rádio e telefone automático.*

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do mundo**.

a) Compare sucintamente “os conselheiros” do Império, tal como os caracteriza o poema de Drummond, ao protagonista das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis.

b) Ao conjugar de maneira intempestiva o passado imperial ao presente de seu próprio tempo, qual é a percepção da história do Brasil que o poeta revela ser a sua? Explique resumidamente.

22**.** **Texto 1**

**O Assinalado**

Cruz e Sousa

Tu és o louco da imortal loucura,

o louco da loucura mais suprema.

A terra é sempre a tua negra algema,

prende-te nela extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,

mas essa mesma Desventura extrema

faz que tu’alma suplicando gema

e rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado

que povoas o mundo despovoado,

de belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica

toda a audácia dos nervos justifica

os teus espasmos imortais de louco!

**Texto 2**

**Casablanca**

Te acalma, minha loucura!

Veste galochas nos teus cílios tontos e habitados!

Este som de serra de afiar as facas

não chegará nem perto do teu canteiro de taquicardias...

Estas molas a gemer no quarto ao lado

Roberto Carlos a gemer nas curvas da Bahia

O cheiro inebriante dos cabelos na fila em frente no cinema...

As chaminés espumam pros meus olhos

As hélices do adeus despertam pros meus olhos

Os tamancos e os sinos me acordam depressa na madrugada feita de binóculos de gávea

e chuveirinhos de bidê que escuto rígida nos lençóis de pano

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*.São Paulo: Brasiliense, 1982, p.60.

a) Determine as diferenças no emprego da linguagem e na concepção formal entre os poemas de Cruz e Sousa e Ana Cristina César.

b)Indique a figura de linguagem presente no seguinte verso do texto 2: “Os tamancos e os sinos me acordam depressa na madrugada feita de binóculos de gávea”.

23**.** Leia o excerto.

*Ninguém mais vive, reparou? Vivencia. “Estou vivenciando um momento difícil”, diz Maricotinha. Fico penalizado, mas ficaria mais se Maricotinha estivesse passando por ou vivendo aquele momento difícil. Há uma diferença, diz o dicionário. Viver é ter vida, existir. Vivenciar também é viver, mas implica uma espécie de reflexão ou de sentir. Não é o caso de Maricotinha. O que ela quer dizer é viver, passar por. Mas disse vivenciar porque é assim que, ultimamente, os pedantes a ensinaram a falar.*

Ruy Castro, **Folha de S. Paulo**, 27 de junho de 2012. Adaptado.

a) Da personagem José Dias, diz o narrador do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis: “José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servia a prolongar as frases”. Em que o comportamento linguístico de Maricotinha, tal como o caracteriza o texto, se compara ao da personagem machadiana?

b) *Quem já \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ a perda de um parente conhece a dor que estou sentindo*. Preencha a lacuna da frase acima, utilizando o verbo *viver* ou o verbo *vivenciar*, de acordo com a preferência do autor do texto. Justifique sua escolha.

c) No trecho “os pedantes a ensinaram a falar”, a palavra “pedante”, considerada no contexto, pode ser substituída por *\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_*.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Texto 1**

**Rita Baiana**

Zezé Motta

|  |  |
| --- | --- |
| Olha meu nego quero te dizer  O que me faz viver  O que quase me mata de emoção  É uma coisa que me deixa louca  Que me enche a boca  Que me atormenta o coração  Quem sabe um bruxo  Me fez um despacho  Porque eu não posso sossegar o facho  É sempre assim  Ai essa coisa que me desatina  Me enlouquece, me domina  Me tortura e me alucina  Olha meu nego  Isso não dá sossego  E se não tem chamego  Eu me devoro toda de paixão  Acho que é o clima feiticeiro  O Rio de Janeiro que me atormenta  O coração  Eu nem consigo nem pensar direito  Com essa aflição dentro do meu peito  Ai essa coisa que me desatina  Me enlouquece, me domina  Me tortura e me alucina  E me dá  Uma vontade e uma gana dá  Uma saudade da cama dá  Quando a danada me chama  Maldita de Rita Baiana | Num outro dia o português lá da Gamboa  O Epitácio da Pessoa  Assim à toa se engraçou e disse:  “Oh Rita rapariga eu te daria 100 miréis por teu amor”  Eu disse:  Vê se te enxerga seu galego de uma figa  Se eu quisesse vida fácil  Punha casa no Estácio  Pra Barão e Senador  Mas não vendo o meu amor  Ah, ah, isso é que não!  Olha meu nego quero te dizer  Não sei o que fazer  Pra me livrar da minha escravidão  Até parece que é literatura  Que é mentira pura  Essa paixão cruel de perdição  Mas não me diga que lá vem de novo  A sensação  Olha meu nego assim eu me comovo  Agora não  Ai essa coisa que me desatina  Me enlouquece, me domina  Me tortura e me alucina  E me dá  Uma vontade e uma gana dá  Uma saudade da cama dá  Quando a danada me chama  Maldita de Rita Baiana |

Disponível em: <www.letras.mus.br/zeze-motta/240340/>. Acesso em: 3 out. 2012.

**Texto 2**



**Texto 3**

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1979. p. 110-111.

24**.** No estabelecimento da coesão textual da letra de canção, a referência ao sentimento que move Rita é feita de maneira peculiar. Nesse sentido, responda:

a) Que sentimento é esse?

b) Considerando-se a progressão das ideias no texto, como a referenciação é promovida?

c) Que efeito de sentido o modo de progressão das ideias provoca em quem lê a canção?

25**.** Leia o trecho de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para responder ao que se pede.

Um dia [Ezequiel] amanheceu tocando corneta com a mão; dei-lhe uma cornetinha de metal.

Comprei-lhe soldadinhos de chumbo, gravuras de batalhas que ele mirava por muito tempo, querendo que lhe explicasse uma peça de artilharia, um soldado caído, outro de espada alçada, e todos os seus amores iam para o de espada alçada. Um dia (ingênua idade!) perguntou-me impaciente:

- Mas, papai, por que é que ele não deixa cair a espada de uma vez?

- Meu filho, é porque é pintado.

- Mas então por que é que ele se pintou?

Ri-me do engano e expliquei-lhe que não era o soldado que se tinha pintado no papel, mas o gravador, e tive de explicar também o que era gravador e o que era gravura: as curiosidades de Capitu, em suma.

a) Se estabelecermos uma analogia ou um paralelo entre a gravura, de que se fala no excerto, e o romance *Dom Casmurro*, os termos “gravador” e “gravura” corresponderão a que elementos internos do romance?

b) Continuando no mesmo paralelo entre “gravura” e *Dom Casmurro*, pode-se considerar que a lição dada pelo pai ao filho, a respeito da gravura, serve de advertência também para o leitor do romance? Justifique sua resposta.

26**.** Leia estes trechos, atentando para os conectivos neles destacados:

**TRECHO 1**

Ouvimos o ferrolho da porta que dava para o corredor interno; era a mãe que abria Eu, **uma vez que** digo tudo, digo aqui que não tive tempo de soltar as mãos da minha amiga...

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro.* São Paulo: Globo. 1997. p. 67.

**TRECHO 2**

Fomos jantar com a minha velha. Já lhe podia chamar assim, **posto** **que** os seus cabelos brancos não o fossem todos nem totalmente; e o rosto estivesse comparativamente fresco...

MACHADO DE ASSIS. J. M. *Dom Casmurro,* São Paulo: Globo, 1997. p.165.

a) Reescreva cada um desses trechos, substituindo o conectivo destacado por outro de igual valor e fazendo as adaptações necessárias.

b) Explicite o tipo de relação que cada um desses conectivos estabelece entre as orações, nos trechos em que estão empregados.

27**.** Os trechos abaixo foram extraídos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um *duo* terníssimo, depois um *trio*, depois um *quatuor*...

Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008, p. 213.)

a) Como a narrativa de Bento Santiago pode ser relacionada com a afirmação de que a verossimilhança é “muita vez toda a verdade”?

b) Considerando essa relação, explicite o desafio que o segundo trecho propõe ao leitor.

28**.** **Vaso grego**

Esta, de áureos relevos, trabalhada

De divas mãos, brilhante copa, um dia,

Já de aos deuses servir como cansada,

Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia

Então e, ora repleta ora esvazada,

A taça amiga aos dedos seus tinia

Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,

Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas

Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira

Fosse a encantada música das cordas,

Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

Alberto de Oliveira. *Poesias completas*. In: *Crítica*. Marco Aurélio de Mello Reis. Rio de Janeiro: EDUERJ, 197, p.144.

Acerca do soneto *Vaso grego*, de Alberto de Oliveira, e do período histórico-literário a que ele remete, julgue os itens a seguir.

a) No período em que o Parnasianismo se destacou, o Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, vivia forte influxo de modernização tardia em relação aos centros europeus, o que incentivou o consumo de mercadorias culturais luxuosas, mas desligadas da realidade local. Assim, verifica-se que a recorrência a temas advindos da Antiguidade Clássica era a correspondência estética dessa tendência manifestada na objetividade social brasileira.

b) O refinamento da linguagem e as formas labirínticas dos versos do soneto *Vaso grego* atestam o quanto a poesia parnasiana no Brasil, país de desigualdade social, asseverou a distância entre a língua falada e a escrita.

c) A temática abordada no soneto *Vaso grego* é representativa da tendência atribuída pela crítica literária ao Parnasianismo no Brasil: a descrição apaixonada de objetos antigos, por meio da qual se expressava, de forma evidente, a subjetividade do eu lírico.

29**.** Leia estes poemas:

**Poema 1**

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-Ias, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A via láctea, como um pátio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

BILAC, Olavo. Via Láctea XIII. *Obra reunida.* Organização e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 117.

**Poema 2**

Ora! - direis - ouvir panelas! Certo  
ficaste louco... E eu vos direi, no entanto,  
que muitas vezes paro, boquiaberto,  
para escutá-los pálido de espanto.

Direis agora: - Meu louco amigo,  
Que poderão dizer umas panelas?  
O que é que dizem quando estão contigo  
E que sentido têm as frases delas?  
E direi mais: - Isso quanto ao sentido,  
Só quem tem fome pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e entender panelas

TORELLY, Aparício – Barão de Itararé. In: SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 217.

a) Identifique a relação intertextual que o segundo poema estabelece com o primeiro.

b) Justifique sua resposta.

30**.** Leia os seguintes trechos de *O cortiço* e *Vidas secas*:

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. (...). Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulhavam os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

(Aluísio Azevedo, *O cortiço*. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2005, p. 462.)

Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera. (...)

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano. (...)

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado.

(Graciliano Ramos, *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007, p.18-19.)

a) Ambos os trechos são narrados em terceira pessoa. Apesar disso, há uma diferença de pontos de vista na aproximação das personagens com o mundo animal e vegetal. Que diferença é essa?

b) Explique como essa diferença se associa à visão de mundo expressa em cada romance.

31**.**  *Gente que mamou leite romântico pode meter o dente no rosbife\* naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa logo o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! meu doce leite romântico!*

Machado de Assis, *Crônicas*.

\*Rosbife: tipo de assado ou fritura de alcatra ou filé bovinos, bem tostado externamente e sangrante na parte central, servido em fatias.

a) A imagem do “rosbife naturalista” — empregada, com humor, por Machado de Assis, para evocar deter minadas características do Naturalismo — poderia ser utilizada também para se referir a certos aspectos do romance *O* *cortiço*? Justifique sua resposta.

b) A imagem do “doce leite romântico”, que se refere a certos traços do Romantismo, pode remeter também a alguns aspectos do romance *Iracema*? Justifique sua resposta.

32**.** *Uma nota diplomática\* é semelhante a uma mulher da moda. Só depois de se despojar uma elegante de todas as fitas, rendas, joias, saias e corpetes, é que se encontra o exemplar não correto nem aumentado da edição da mulher, conforme saiu dos prelos da natureza. É preciso desataviar uma nota diplomática de todas as frases, circunlocuções, desvios, adjetivos e advérbios, para tocar a ideia capital e a intenção que lhe dá origem.*

Machado de Assis.

\*Nota diplomática: comunicação escrita e oficial entre os governos de dois países, sobre assuntos do interesse de ambos.

a) É correto afirmar que, segundo o texto, uma nota diplomática se parece com o “exemplar não correto nem aumentado da edição da mulher”? Justifique sua resposta.

b) Tendo em vista o trecho “para tocar a ideia capital e a intenção que lhe dá origem”, indique um sinônimo da palavra “capital” que seja adequado ao contexto e identifique o referente do pronome “lhe”.

33**.** Considere a seguinte relação de obras: *Auto da barca do inferno*, *Memórias de um sargento de milícias*, *Dom Casmurro* e *Capitães da areia*. Entre elas, indique as duas que, de modo mais visível, apresentam intenção de doutrinar, ou seja, o propósito de transmitir princípios e diretivas que integram doutrinas determinadas.

Divida sua resposta em duas partes: a), para a primeira obra escolhida e b), para a segunda obra escolhida, conforme já vem indicado na respectiva página de respostas. Justifique sucintamente cada uma de suas escolhas.

34**.** Leia o trecho a seguir de *A cidade e as serras*:

– Sabes o que eu estava pensando, Jacinto?... Que te aconteceu aquela lenda de Santo Ambrósio... Não, não era Santo Ambrósio... Não me lembra o santo. Ainda não era mesmo santo, apenas um cavaleiro pecador, que se enamorara de uma mulher, pusera toda a sua alma nessa mulher, só por a avistar a distância na rua. Depois, uma tarde que a seguia, enlevado, ela entrou num portal de igreja, e aí, de repente, ergueu o véu, entreabriu o vestido, e mostrou ao pobre cavaleiro o seio roído por uma chaga! Tu também andavas namorado da serra, sem a conhecer, só pela sua beleza de verão. E a serra, hoje, zás! de repente, descobre a sua grande chaga... É talvez a tua preparação para S. Jacinto.

(Eça de Queirós, *As cidades e as serras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 252.)

a) Explique a comparação feita por Zé Fernandes. Especifique a que chaga ele se refere.

b) Que significado a descoberta dessa chaga tem para Jacinto e para a compreensão do romance?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**TEXTO 1**

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois.

(Quincas Borba)

**TEXTO 2**

Aquela nota verde, gordurosa, graxenta, está sendo roída... roída... roída... Esse fato está se passando agora... é contemporâneo dele!... Os ratos estão roendo ali na cozinha... na mesa... são dois... são três... andam daqui para lá... giram... dançam... infatigáveis... afanosos... infatigáveis...

(Os ratos)

**TEXTO 3**

Minha mãe é meio branca. Meu pai é preto. Retinto. Nariz de barraca. A filha do seu Polovsky acharia meu pai feio. Ele era bonito. Eu sou bonito. Não sou mulato. Mulato é filho de mula. Eu sou preto. Negro.

(“Identidade para os gatos pardos”)

35**.** As narrativas Quincas Borba, de Machado de Assis, Os ratos, de Dyonélio Machado, e Identidade para os gatos pardos, de Adilson Vilaça, foram publicadas nos anos de 1891, 1937 e 2002, respectivamente. Os protagonistas dos romances, Rubião e Naziazeno, e do conto homônimo ao livro de contos (“Identidade para os gatos pardos”), sem nome próprio, são personagens que trazem à tona questões ligadas à alteridade, como loucura, pobreza e racismo.

Leia os trechos e, a seguir, escreva três parágrafos, desenvolvendo, em cada um deles, uma possível relação entre (a) os protagonistas dessas estórias, (b) a metáfora dos animais – cão, rato, gato – presentes nos títulos e (c) os períodos literários e históricos a que pertencem essas obras.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Fragmento do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1863-1895), em que o narrador comenta suas reações ao ensino que recebia no colégio:

**O Ateneu**

A doutrina cristã, anotada pela proficiência do explicador, foi ocasião de dobrado ensino que muito me interessou. Era o céu aberto, rodeado de altares, para todas as criações consagradas da fé. Curioso encarar a grandeza do Altíssimo; mas havia janelas para o purgatório a que o Sanches se debruçava comigo, cuja vista muito mais seduzia. E o preceptor tinha um tempero de unção na voz e no modo, uma sobranceria de diretor espiritual, que fala do pecado sem macular a boca. Expunha quase compungido, fincando o olhar no teto, fazendo estalar os dedos, num enlevo de abstração religiosa; expunha, demorando os incidentes, as mais cabeludas manifestações de Satanás no mundo. Nem ao menos dourava os chifres, que me não fizessem medo; pelo contrário, havia como que o capricho de surpreender com as fantasias do Mal e da Tentação, e, segundo o lineamento do Sanches, a cauda do demônio tinha talvez dois metros mais que na realidade. Insinuou-me, é certo, uma vez, que não é tão feio o dito, como o pintam.

O catecismo começou a infundir-me o temor apavorado dos oráculos obscuros. Eu não acreditava inteiramente. Bem pensando, achava que metade daquilo era invenção malvada do Sanches. E quando ele punha-se a contar histórias de castidade, sem atenção à parvidade da matéria do preceito teológico, mulher do próximo, Conceição da Virgem, terceiro-luxúria, brados ao céu pela sensualidade contra a natureza, vantagens morais do matrimônio, e porque a carne, a inocente carne, que eu só conhecia condenada pela quaresma e pelos monopolistas do bacalhau, a pobre carne do *beef*, era inimiga da alma; quando retificava o meu engano, que era outra a carne e guisada de modo especial e muito especialmente trinchada, eu mordia um pedacinho de indignação contra as calúnias à santa cartilha do meu devoto credo. Mas a coisa interessava e eu ia colhendo as informações para julgar por mim oportunamente.

Na tabuada e no desenho linear, eu prescindia do colega mais velho; no desenho, porque achava graça em percorrer os caprichosos traços, divertindo-me a geometria miúda como um brinquedo; na tabuada e no sistema métrico, porque perdera as esperanças de passar de medíocre como ginasta de cálculos, e resolvera deixar a

Maurílio ou a quem quer que fosse o primado das cifras.

Em dois meses tínhamos vencido por alto a matéria toda do curso; e, com este preparo, sorria-me o agouro de magnífico futuro, quando veio a fatalidade desandar a roda.

(Raul Pompeia. *O Ateneu.* Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1963.)

36**.** Nesta passagem de *O Ateneu*, romance que a crítica literária ainda hesita em classificar dentro de um único estilo literário, a personagem narradora se refere ao ensino de religião cristã, desenho e matemática, mostrando atitudes diferentes com relação aos conteúdos de cada disciplina. Releia o texto e, a seguir, explique a razão de a personagem narradora declarar, no penúltimo parágrafo, que prescindia do colega mais velho no aprendizado de desenho.

37**.** No primeiro parágrafo, a personagem Sanches, aluno mais velho que atuava como espécie de preceptor para os estudos de Sérgio, o mais novo, se refere a duas entidades da religião cristã, contextualizando valores opostos a cada uma delas. Identifique as duas entidades e os valores a que estão respectivamente associadas.

38**.** Embora no uso popular a palavra *agouro* apresente muitas vezes a acepção de “previsão ruim”, seu significado original não tem essa marca pejorativa, mas, simplesmente, o de *prognóstico*, *previsão*, *predição*, *augúrio*. Leia atentamente o último parágrafo do fragmento de *O Ateneu* e, a seguir, explique, comprovando com base em elementos do contexto, em que sentido o narrador empregou a palavra *agouro*.

39**.** Leia os versos de Cruz e Sousa.

Ó meu Amor, que já morreste,

Ó meu Amor, que morta estás!

Lá nessa cova a que desceste

Ó meu Amor, que já morreste,

Ah! nunca mais florescerás?

Ao teu esquálido esqueleto,

Que tinha outrora de uma flor

A graça e o encanto do amuleto

Ao teu esquálido esqueleto

Não voltará novo esplendor?

a) Identifique no poema dois aspectos que remetem ao Romantismo.

b) Exemplifique, valendo-se de elementos textuais, por que, em certa medida, os poetas simbolistas, como Cruz e Souza, se aproximam dos parnasianos.

40**.** Numere corretamente cada uma das passagens

do romance de Antônio Sales de acordo com a sua respectiva tendência literária.

( 1 ) Tendência romântica

( 2 ) Tendência realista

( 3 ) Tendência naturalista

( 4 ) Tendência regionalista

( ) - Qual, seu Casimiro! não é crível que aí um pedaço de pedra qualquer tenha eficácia alguma contra o vírus ofídico, que se espalha rapidamente na circulação e quando chega ao coração, fiô! era uma vez, sentenciou o coletor com autoridade e ceticismo, derramando os dados no tabuleiro do gamão.

( ) (...) e em D. Florzinha, a quem ia tão bem esse nome meigo e perfumoso, porque era realmente uma flor de mocidade e beleza, a embalsamar o ambiente em que desabrochava com a fragrância da sua inocência e da sua bondade.

( ) - Acho que deve estar aqui nestes vinte dias. Ele disse em sua carta que pretende tomar o trem para o Quixadá no dia 15; chega ali à tarde, dorme, sai de manhã cedo e vem descansar no Riacho da Ema; sai à tarde e vem dormir na Lagoa; fazendo uma boa madrugada, pode vir descansar no Croatá e dormir na Varge da Onça; no dia 18 vem dormir no Serrote; no dia 19 pode alcançar perfeitamente o Lajeiro, embora ande algumas horas com a lua, que é cheia no dia 16.

( ) Acerca de dinheiro e de família, temos conversado. Excelente para encher os ócios de um exilado; mas quanto

a casamento, livra! Fora a pieguice! Preciso de mulher que tenha chelpa e pai alcaide. Casamento de amor já não se usa.

( ) O dia estava radioso. Chovera à noite e o céu amanhecera fresco e limpíssimo, com um brilho doce e úmido de cetim novo. Pouco depois o sol se velara sob uma larga barreira de cúmulos flocosos que se dilatavam em mirantes de prata pelo horizonte acima; mas depois um vento rijo varrera tudo, e nem a mais ligeira nuvem pincelava o firmamento.

( ) - Então - clamava Matias - a mulher é um instrumento de prazer.

- Não, é um animal como o homem: o nosso comércio é uma troca de sensações; nenhum fica a dever nada um ao outro por isto.

( ) - "Hei! patrão, este ano não temos chuva!"

- Por quê?

- Porque as carnaúbas estão fulorando.

- Então quando não floram?

- Quando não fuloram... é pior!

( ) (...) o vigário imprimia a segura direção da sua manhosa habilidade, longo tempo educada à socapa num espírito de ambicioso contido à espera de uma boa ocasião para agir em campo aberto.

( ) A viração vespertina varria a cidade, arrepiando de leve a folhagem da mungubeira e espargindo o aroma das suas flores, que pareciam plumilhas de ouro com as pontas esmaltadas de escarlate.

( ) Sua índole exuberante comprazia-se nesse viver forte dos instintos, sem obrigações, sem disciplina, sem preconceitos (...).

41**.** Considere os dois trechos de Machado de Assis relacionados a "Iracema", publicados na época em que apareceu esse romance de Alencar, e responda ao que se pede.

a) A poesia americana está completamente nobilitada; os maus poetas já não podem conseguir o descrédito desse movimento, que venceu com o autor de "I - Juca Pirama", e acaba de vencer com o autor de "Iracema".

Adaptado de Machado de Assis, "Crítica literária".

Machado de Assis refere-se, nesse trecho, a um movimento literário chamado, na época, de "poesia americana" ou "escola americana". Sob que outro nome veio a ser conhecido esse movimento? Quais eram seus principais objetivos?

b) Tudo em "Iracema" nos parece primitivo; a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história de bardo\* indígena, contada aos irmãos, à porta da cabana, aos últimos raios do sol que se entristece.

Adaptado de Machado de Assis, "Crítica literária".

\*bardo: poeta heroico, entre os celtas e gálios; por extensão, qualquer poeta, trovador etc.

No trecho, Machado de Assis afirma que a narração de "Iracema" não parece ter sido feita por um "poeta moderno", mas, sim, por um "bardo indígena". Essa afirmação se justifica? Explique sucintamente.

42**.** Na seguinte passagem do capítulo LXXX ("Venhamos ao capítulo"), de "Dom Casmurro", o narrador trata da promessa feita por D. Glória.

Um dos aforismos de Franklin é que, para quem tem de pagar na páscoa, a quaresma é curta. A nossa quaresma não foi mais longa que as outras, e minha mãe, posto me mandasse ensinar latim e doutrina, começou a adiar a minha entrada no seminário. É o que se chama, comercialmente falando, reformar uma letra. O credor era arquimilionário, não dependia daquela quantia para comer, e consentiu nas transferências de pagamento, sem querer agravar a taxa do juro. Um dia, porém, um dos familiares que serviam de endossantes da letra, falou da necessidade de entregar o preço ajustado; está num dos capítulos primeiros. Minha mãe concordou e recolhi-me a S. José.

a) Quem lembrou D. Glória da promessa e qual seu vínculo com a família dela?

b) Explique o uso da linguagem comercial no trecho citado anteriormente e no romance.

43**.** Leia a passagem a seguir de "Dom Casmurro":

"Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café. "

(Machado de Assis, Dom Casmurro, em "Obra Completa". Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p.936.)

a) Explique o "primeiro ímpeto" mencionado pelo narrador.

b) Por que o narrador admite que seu "segundo impulso" foi criminoso?

c) O episódio da xícara de café está diretamente relacionado com a redação do livro de memórias de Bento Santiago. Por quê?

44**.** Leia os fragmentos do poema "Violões que choram...", de Cruz e Sousa.

[..]

Vozes veladas, veludosas vozes,

Volúpias dos violões, vozes veladas,

Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

[...]

Velhinhas quedas e velhinhos quedos,

Cegas, cegos, velhinhas e velhinhos,

Sepulcros vivos de senis segredos,

Eternamente a caminhar sozinhos;

[...]

SOUSA, Cruz e. "Broquéis, Faróis e Últimos sonetos". 2a ed. reformulada. São Paulo: Ediouro, 2002. p. 78 e 81. (Coleção Super Prestígio).

Com base na leitura desses fragmentos, explicite a figura de linguagem predominante nas estrofes e explique sua função na estética simbolista.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

[...]

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

(Aluísio Azevedo. *O cortiço*.)

45**.** Aluísio de Azevedo pertence ao Naturalismo.

a) Cite duas características desse estilo de época.

b) Exemplifique, no texto, essas duas características.

46**.** No conto "O caso da vara", Machado de Assis enfoca o drama pessoal de Damião, o protagonista, que deseja abandonar o seminário. Nesse contexto, são expostas as relações entre diferentes classes sociais da época do autor.

a) Que situação ilustra essas relações de classe?

b) Explique a atitude do protagonista diante da situação que denuncia as relações de classe.

47**.** (...)

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito:

(...)

Assim procedo. Minha pena

Segue esta norma,

Por te servir, Deusa serena,

Serena Forma!

(...)

a) A qual estilo de época pertencem esses versos?

b) Transcreva os versos em que o poeta personifica o objeto de sua devoção.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

"Conta-se que, diariamente, na hora de adormecer, Saint-Pol-Roux mandava colocar sobre a porta de sua mansão de Camaret um aviso onde se lia: O POETA TRABALHA."

(Fragmento Manifesto do Surrealismo)

48**.** Que outro estilo literário valorizou também a concepção encontrada no texto?

49**.** A crítica assinala com frequência que as personagens Brás Cubas e Macunaíma caracterizam-se por serem bastante mutáveis, inconstantes ou volúveis. No entanto, seja ao longo de sua trajetória, seja em dado momento dela, ambas as personagens apresentam um propósito ou projeto que parece contrariar essa característica.

a) Qual é, no caso de Brás Cubas, esse propósito ou projeto? Justifique sucintamente sua resposta.

b) Qual é, no caso de Macunaíma, esse propósito ou projeto? Justifique brevemente sua resposta.

50**.** Leia atentamente o fragmento de "O Cortiço", que se refere à personagem Pombinha:

E na sua alma enfermiça e aleijada, no seu espírito rebelde de flor mimosa e peregrina criada num monturo, violeta infeliz, que um estrume forte demais para ela atrofiara, a moça pressentiu bem claro que nunca daria de si ao marido que ia ter uma companheira amiga, leal e dedicada; pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida; que nunca lhe votaria entusiasmo, e por conseguinte nunca lhe teria amor; desse de que ela se sentia capaz de amar alguém, se na terra houvera homens dignos disso. Ah! Não o amaria decerto, porque o Costa era como os outros, passivo e resignado, aceitando a existência que lhe impunham as circunstâncias, sem ideais próprios, sem temeridades de revolta, sem atrevimentos de ambição, sem vícios trágicos, sem capacidade para grandes crimes; era mais um animal que viera ao mundo para propagar a espécie; um pobre-diabo enfim que já a adorava cegamente e que mais tarde, com ou sem razão, derramaria aquelas mesmas lágrimas, ridículas e vergonhosas, que ela vira decorrendo em quentes camarinhas pelas ásperas e maltratadas barbas do marido de Leocádia.

AZEVEDO, Aluísio. "O cortiço". 15a ed. São Paulo: Ática, 1984. p. 101.

O autor do romance naturalista, sob a influência das teorias cientificistas, apresenta o homem como um "caso" a ser analisado, deixando em segundo plano seu lado espiritual. No texto mencionado, a personagem Pombinha reflete a influência do determinismo ambiental? Justifique sua resposta.